

A RELAÇÃO COLONIZADOR X COLONIZADO EM IRACEMA

ANA LÚCIA ESTEVES DOS SANTOS*

RESUMO

Nosso propósito é a análise do discurso no sentido de desvelar em *Iracema* as relações de dominação presentes na obra, particularmente a relação colonizador x colonizado, procurando-se os espaços que interligam a formação discursiva com o processo produtivo em sua dicotomia dominador x dominado. O romance inserido na ótica do Romantismo em sua feição indianista apresenta uma similaridade, fruto da assimilação cultural, ressaltando-se a tentativa de valorização do indígena, uma vez que a solução romântica para o conflito situa-se na esfera do amor onde se daria a integração harmônica entre as duas raças. No plano estrutural, entretanto, verifica-se ocorrer uma oposição, pois prevalece a visão do branco sobre o índio.

1. Breve introdução

Da leitura de *Iracema*, salientou-se para nós o processo de dominação do branco colonizador em relação ao índio. O estudo das relações de poder no contexto de uma obra literária é uma tarefa fascinante que permite desvelar o seu substrato histórico-cultural-ideológico. A marca do conflito entre o "civilizado" e o "bárbaro" tem-se revelado, sobremaneira, através da análise do discurso literário, quando o texto institui

"um espaço específico onde se redistribui a ordem da língua e se produz uma determinada significância que é a recusa de uma significação única na medida em que não é um produto, mas uma produção, inserido num estatuto de enunciação e rejeitando-se que ele se converta em mero enunciado".¹

*Aluna do Curso de Graduação da Faculdade de Letras da UFMG. (Este artigo foi originalmente apresentado como trabalho no curso "DO ROMANTISMO AO REALISMO", 1º semestre de 1985, sob a orientação da Profa. Maria do Carmo Lanna Figueiredo).

Nesse sentido, observam-se muitas dificuldades operacionais para levar a cabo esse tipo de análise. Em primeiro lugar, há que se considerar a articulação da obra com a situação histórica que ela busca retratar ou delinear, porém sabe-se que essa articulação não é de maneira nenhuma unívoca. Supor que o relacionamento entre as formações históricas e as formações discursivas é determinístico seria compreender mecanicamente as duas categorias, retirando muito da riqueza de seu intrincado relacionamento. Em segundo lugar, a obra literária que ora estudamos não apresenta escansão da narrativa onde se delimitassem de um lado, a produção do dominado, e, de outro, a do dominante. O ponto de vista em *Iracema* é a narração em terceira pessoa, com um narrador onisciente que funciona como uma consciência. Como proceder à análise do discurso nesses termos? Uma vez que as personagens praticamente não falam, pois quase não há diálogos, optamos por tomar a narrativa de terceiros como uma filtragem dos fatos em que a visão do narrador está, em alguma medida, identificada com *Iracema*. É com base nessa constatação que vamos examinar o discurso.

Nossa proposta global de análise pode ser assim esboçada: interessam-nos as relações de dominação presente na obra, especificamente colonizador x colonizado, e em que medida esta funciona como um instrumento de denúncia desse poder. Como estrato que permeia essa questão, coloca-se o relacionamento entre linguagem e realidade, linguagem e sociedade. Esses relacionamentos não são objeto precípua do presente trabalho, porém, a nosso ver, a linguagem não deve ser tomada como um produto acabado que tem a ver com idéias inatas ou como um simples reflexo reproduzidor da realidade, instâncias que excluem a participação dos falantes como sujeitos históricos no processo de sentido. É essa a nossa perspectiva ao abordar a linguagem escrita numa esfera específica: a literária em *Iracema*. A análise dessa construção do sentido no âmbito dos processos produtivos se faz tradicionalmente mediante a segmentação desses em formações sociais que se relacionam com formações ideológicas que, por sua vez, desaguam em formações discursivas. Evidentemente, trata-se de uma segmentação metodológica, uma

vez que a determinação entre as várias formações é recorrente. Vamos nos permitir utilizar esse mesmo esquema geral, introduzindo nele os aspectos particulares da nossa análise.

Assim, ao nível do processo produtivo está a relação de produção capitalista com a bipartição dominador x dominado, às formações sociais corresponde o processo de colonização do Brasil como produto da necessidade de expansão do capital mercantil europeu e às formações ideológicas associa-se o ideário do Romantismo, dentro dele, mais especificamente, o indianismo. Nossa investigação não tem a pretensão de aprofundar todos esses encadeamentos, contudo os tem como parâmetro e suporte da análise. O eixo de nosso trabalho parte, portanto, da tentativa de isolar o espaço do dominado e o do dominador na obra, atentando-se inclusive para o problema da fronteira entre eles.

Se nos remetemos a uma das análises mais tradicionais da relação dominador x dominado — a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel —, já está traçada aí a noção na dialética entre o senhor que dispõe das condições materiais de sobrevivência e o escravo destituído delas. A imposição de um poder se estabelece entre os dois polos no sentido de reprodução do sistema, esse poder é mais físico em algumas configurações históricas (veja-se a escravidão) e mais perpassado por ideologia em outras (o capitalismo, por exemplo). Segundo o filósofo alemão essa imposição gera uma violência de ambas as partes, no sentido em que o dominador usa arbitrariamente de seu posicionamento na estrutura sócio-econômica ao passo que o dominado se submete a ele, permitindo sua ação brutal.

Mais tarde, Gramsci discute essa apropriação do senhor sobre o escravo, ampliando-a em termos de um conteúdo ideológico imprimido ao dominado como forma de manutenção da hegemonia do dominante. Antes dele, Marx já havia descrito as relações que se operavam na chamada superestrutura em função das relações materiais de produção. Não nos cabe entrar aqui na polêmica entre a direção da determinação entre infra-estrutura e superestrutura, interessa-nos, sobretudo, encarar a produção literária como parte importante da produção cultural que

reflete um contexto histórico-produtivo determinado. A literatura tem um papel fundamental enquanto abre perspectiva de várias leituras do mundo social, optando, às vezes, mais diretamente pelo ângulo do dominador ou pelo do dominado. Estamos entendendo essa opção enquanto aquela feita pelo emissor do texto, sujeito histórico, e possível de ser corroborada, ampliada ou invertida pelo receptor.

2. O processo de dominação em *Iracema*

Na leitura de *Iracema* realizada por nós prevalece a visão do branco sobre o índio, embora isso não negue a tentativa de valorização deste por Alencar. O que nos parece pertinente ressaltar é que a obra, construída sob uma ótica cosmogônica, cria um espaço para o miscigenado representado pela figura de Moacir, filho de Iracema e Martim, fruto da união entre as duas raças numa apologia da democracia racial fundada no amor. No entanto, um exame mais acurado do processo de mistura das raças vem demonstrar que a miscigenação só ocorre perante a morte do índio. A sobrevivência do branco e sua influência sobre o mestiço é mostrada na obra com a ida de Martim e Moacir para Portugal, onde este será criado. No caso de Iracema, a morte no sentido físico ganha maior repercussão cultural quando comparada à cristianização (morte) de Poti. Nos dois episódios acha-se presente a característica do extermínio dos traços originais, duplicados parcialmente em Moacir, uma vez que o seu lado branco vence:

"Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento". (p. 79) "Tu és o morro da alegria; mas para Iracema não tens senão tristeza." (p. 80)

É interessante lembrar que o sistema colonial engendra uma nova sociedade com a presença do mestiço. A mistura entre o elemento europeu e o autóctone poderia apontar um caminho para a descolonização, na medida em que a noção de unidade, sofrendo alteração, poderia estabelecer a inversão de valores. No entanto, a mestiçagem, ao atuar como um deslocamento da raça européia, não foi acompanhada pelo descentramento enquanto cultura de referência, efetivando-se, ao contrário, a assimilação. *O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, (4): p. 165-177, 1985.*

lação passiva e transparente de uma visão de superioridade do branco em termos lingüísticos e religiosos. Assim, no âmbito do Romantismo, não significa desvio da norma, mas cópia do espaço sócio-cultural europeu, pois à América foi conferida a condição de paraíso, de isolamento, de refúgio ao sabor do juízo colonialista. Dessa forma, ainda que essa atitude representasse uma valorização da terra, em que ocorria uma integração harmônica entre selvagem e natureza, essa terra é elemento da disputa por parte do colonizador. Em *Iracema*, esse processo é assinalado pelas referências aos franceses e portugueses na luta pela posse do Ceará.

No âmbito do romance, a assimilação passiva da identidade do colonizador é revelada em vários níveis que se agrupam em torno de dois planos básicos: o das relações amorosas e o das relações de amizade. O plano das relações amorosas é preenchido pelo relacionamento entre Iracema e Martim mediatizado pela mulher branca ausente. Cabe notar que essa mulher branca, em contraste com Iracema, acaba por ser a figura dominante; ela não é apenas objeto de enunciação, passa a ser sujeito de enunciação num curioso paralelo com a Metrôpole que, distante geograficamente da Colônia, acha-se presentificada na sua vida econômica, política e social através dos valores, das relações mercantis, das instituições. A força do branco da relação amorosa está também corporificada em Martim que vê no amor concessão, pois o seu sentimento é periférico, não se deixando envolver por Iracema. Nesse sentido, Martim tomado como a figura do colonizador face à América revela um sentimento de não-incorporação, uma vez que se encontra fundamentalmente voltado para a Europa, mais especificamente Portugal². A nível do enunciado essa postura está simbolizada pelos momentos em que Martim fica à beira da praia olhando o mar e sonhando com a volta e a amada branca. Estabelecendo-se o paralelo Iracema: Brasil/Martim: colonização portuguesa, assim como Martim não assume Iracema, Portugal não assume o Brasil, antes se apropria dele, extasiado pela natureza exuberante tanto quanto Martim é seduzido pela Índia. Observa-se que no amor de Iracema e Martim há enfeitiçamento, a droga funciona como in-

termediária, numa intenção de minimizar o choque cultural do encontro das duas raças através da temática amorosa.

O amor de Iracema reflete identificação, espelhamento, perda do eu e incorporação do Outro. Nessa atitude poder-se-ia encontrar um elemento cultural típico da sociedade indígena, bastante mais aberta que a ocidental, porém exacerbado até atingir a desvalorização e o aniquilamento. Assim, Iracema opta por transgredir o horizonte da tribo, traíndo o segredo da Jurema, opção que é fruto de uma sedução pelo colonizador. Dessa maneira, observa-se que Iracema de pólo sedutor atua, na verdade, como elemento seduzido, violentado até à morte. Em termos do sistema de valores indígenas, verifica-se que o índio perde a sua língua pela imposição do código linguístico do branco, sua religião pelo absoluto domínio da religião cristã européia e a decorrente fragmentação de seu sistema do sagrado. No romance, Iracema conduz Martim pelas terras sagradas da tribo e Martim quebra o laço de hospitalidade da tribo de Araquém, o pagé, pai da virgem Iracema, profanando sua cabana. Cumprem-se as palavras da Índia ao se encontrar pela primeira vez com o português: "O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém". (p. 17) Naquele momento, o discurso está inserido numa ótica de hospitalidade por parte do índio. No entanto se remetido ao contexto em que se sustenta, Martim se apresenta à virgem como inimigo: "Venho das terras que teus irmãos já possuíram e hoje têm os meus". (p. 16) Não poderíamos tomar esse episódio isoladamente como signo da dominação do branco e da aculturação do índio, pois isso significaria negar toda uma visão de mundo indígena em que o outro não é tido como invasor e sim como amigo e portador da paz e da concórdia. Contudo, ao longo de toda a obra, esse episódio se desdobra em muitos outros que evidenciam a integração pacífica do mais fraco ao domínio do mais forte. Essa integração se faz pela autodestruição de Iracema quando desiste de integrar Martim à sua civilização: dada a superioridade do branco, ela deseja libertá-lo morrendo. A morte funciona como redenção do outro que a domina, que a derrota: "Iracema é a folha escura que faz sombra em tua alma; deve cair para que a alegria alu-

mie teu seio." (p. 77)

A figura de Poti, sempre disposto a prestar serviços ao irmão branco Martim, é outro forte indicador dessa integração. Iracema e Poti funcionam como filtro para essa integração nos moldes da síntese romântica que tenta incorporar e englobar sem compartimentalizar. O caráter dessa síntese é dialético, pois tenta unir o orgânico e o mecânico, o natural e o construído, o selvagem e o civilizado. Assim José de Alencar está perfeitamente enquadrado no espírito romântico, ao propor a aceitação do colonizador pelo colonizado em moldes harmoniosos, através da doação cabal de Iracema a Martim, dando-lhe um filho que simbolize o início da raça brasileira.³ Iracema, ao mesmo tempo que protege Martim, tenta envolvê-lo em sua comunidade, mas não o consegue. Sua ação de proteção é negada pelo comportamento de Martim que não a aceita e não se propõe tampouco a atuar como protetor. Ao contrário, nas ocasiões em que não está guerreando, fica nas vizinhanças da cabana, totalmente distante, olhando o mar à espera de uma vela perdida, saudosos da pátria. Aliás, também nega em certa medida a proteção de Poti, pois, apesar de necessitar de seu apoio para afastar os franceses e seus aliados, os tapuias, que também se julgam donos das terras descobertas pela Coroa Portuguesa, de clara Alencar: "O amigo e a esposa não bastavam à sua existência cheia de grandes desejos e nobres ambições."⁴ Observa-se o eixo semântico construído em volta da "fala" de Martim: os desejos são grandes e as ambições são nobres, isto é, plenamente justificados pelo código do poder colonialista:

"Como o imbu na várzea, era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor o acompanharam e fortaleceram, algum tempo, mas agora longe de sua casa e de seus irmãos, sentia-se no ermo." (p. 74)

No plano das relações de amizade, Martim se coloca como superior a Poti: ele é o homem branco sempre pronto para grandes feitos e que se alia ao índio para defender as terras da Coroa Portuguesa. O índio é que o considera seu irmão, chegando inclusive a incorporar a personalidade do colonizador, abandonando sua raça e sua religião — no final do romance Po-

ti já não é mais Poti, é Felipe Camarão. Esse processo de esquecimento da origem é mais forte em Poti que em Iracema que, apesar de deixar sua tribo, não renega sua condição de Índia, tentando conseguir que Martim se indianize. É bastante significativa a posição de Martim frente à sua provável indianização, aceitando-a aparentemente. No seu caso a duplicidade índio/branco (Coatiabo/Martim) é apenas aparente, uma vez que ele é fundamentalmente branco, o colonizador que volta ao Ceará para fundar a mairi dos cristãos.⁵ Nesse sentido, o discurso de Martim deve ser analisado no contexto da cerimônia de preparação, é um discurso sedutor em que se mascara a atitude do branco frente ao Índio e à terra:

"O estrangeiro tendo adotado a pátria da esposa e do amigo, devia passar por aquela cerimônia, para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupã."

"— Tu disseste; eu sou o guerreiro pintado; o guerreiro da esposa e do amigo." (p. 67-68)

Se tomamos essas palavras como índice de comportamento, observamos que no decorrer da trama a atitude de Martim nega essa indicação a nível do signo lingüístico. Ele não é um guerreiro vermelho, filho de Tupã e não atua como tal, é o guerreiro branco por excelência em toda sua condição de superioridade. Por isso nossa leitura dessa situação não é isomórfica, ela tenta superar certa imediatez do sentido colocada do lado do pólo receptor. Esse sentido imediato, essa transparência do discurso apontam para a integração total de Martim à civilização indígena. Entretanto, o contexto em que essa personagem está desenhada vai nos mostrar que sua prática histórico-social-cultural é exatamente inversa: é ela o colonizador, o que submete e não o que é submetido ou integrado. Aqui a fala de Martim o coloca tal como ele quer aparecer, tal como ele pretende ser visto em seu sistema de representações e não diretamente tal como sua prática política e como a função social de sua prática histórica o definem. Isso significa que entre o dizer e a relação de forças (Índio x branco colonizador) intercala-se um jogo de opacidades que oblitera o eu como sujeito social e o transforma em mero sujeito individual.

Creemos que nossa leitura se torna ainda mais pertinente se encaixamos a fala de Martim numa relação paradigmática com a "fala" de Poti no decorrer de sua cristianização. Desse modo observamos que a verdadeira cerimônia de preparação não é a de Martim e sim a de Poti. O que ocorre realmente não é a indianização do branco, mas sim o "embranquecimento" do índio através da força da fé e do domínio das armas (veja-se como Martim é descrito nas primeiras páginas do romance como o portador da cruz e da espada):

"Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sa grado lenho; não sofria ele que nada mais o se- parasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só deus, como tinham um só coração. Ele recebeu com o batismo o nome do santo, cujo era o dia; e o do rei, a quem ia servir, e sobre os dous o seu, na língua dos novos irmãos. Sua fama cresceu e ainda hoje é orgulho da terra, onde ele primeiro viu a luz." (p. 87)

O rito da pintura do corpo é uma simulação em que o verdadeiro eu da enunciação está oculto. Supomos que o eu do discurso da indianização é Martim, porém a relação que aí se estabelece é a de ausência. O eixo sintagmático Martim + pintura + Coatiabo é uma relação em presença que camufla o sentido histórico-social dessa pretensa indentificação. Ela não é a integração do colonizador aos valores indígenas, ao contrário é a incorporação do índio aos valores do branco colonizador. Esse nível de leitura não pertence ao eixo sintagmático, faz parte do eixo paradigmático que é uma relação em ausência, isto é, que trabalha com a substituição por similaridade ou oposição. Em *Iracema*, esses dois elementos estão interligados: a similaridade no plano externo como produto da assimilação cultural e a oposição no plano intrínseco, estrutural.⁶

3. Breve comentário final

Mesmo a nível da enunciação existe um silêncio que é dado pelo ideológico, na medida em que o autor, ao articular o texto ficcional, participa de uma visão de mundo que pretende transmitir ao leitor. É nessa instância que se devem inves

tigar as relações de poder, invertendo o direcionamento de leitura que José de Alencar pretendeu imprimir ao romance. Nesse particular, acreditamos que cumpre examinar a questão do indianismo e como ela se projeta na obra em estudo. Remetemo-nos à análise de Werneck Sodré em que o historiador coloca lado a lado o indianismo e o nativismo, isto é, o índio como expansão para além dos limites europeus e como expressão político-nacionalista da América.⁷

Nos parece bastante pertinente a explicação desse autor para a opção pelo índio realizada pelos romancistas e poetas brasileiros. Em primeiro plano, o indianismo é visto como fruto do que ele denomina "fenômeno da transplantação" em que se insere o Romantismo brasileiro e processo no qual já estava enquadrada a produção cultural brasileira colonial, ocorrendo apenas um deslocamento do centro irradiador de Portugal para a França. Por ocasião da Independência, esse deslocamento abre um espaço para a criação artística nacional que vai, então, privilegiar a figura do índio como núcleo.⁸ Introduzindo o indianismo no quadro da sociedade brasileira da época, Sodré verifica que a valorização do índio estava perfeitamente em consonância com as relações sociais existentes no Império. As classes dominantes — os senhores territoriais e a burguesia em ascensão — encontravam no indígena uma figura que não abalava o modo de produção herdado da Colônia fundado no regime do latifúndio e da escravidão.

Assim conclui o historiador que o indianismo não pode ser visto como inautêntico e forjado, em que o índio não aparece como realmente o era. Ao contrário, ele é uma elaboração estética, parte de um processo histórico da literatura brasileira, revelando-se manifestação de uma sociedade territorial e escravocrata em que a burguesia mal se delineava: "Valorizando o índio, os românticos traduziam a realidade do país".⁹ É dentro dessa corrente indianista que se situa grande parte da obra de Alencar e particularmente *Iracema*. Seu indianismo também possui um caráter de valorização da língua brasileira, isto é, a intenção de ser um instrumento de criação de uma linguagem verdadeiramente nacional que rompesse com aquela

utilizada pelos que imitavam os mestres lusos.

O que é importante ressaltar, em termos do presente estudo, é que Alencar, em sua tentativa de valorização do indígena, acaba por fazer prevalecer a visão do branco sobre o índio, ao propor o amor como instância em que se daria a integração harmônica entre as duas raças. A figura de Moacir, o fruto dessa união, é o protótipo da síntese romântica, síntese que, ao ser examinada com mais detalhe, se desvela como conflituosa, imperfeita, posto que confirma a sobrevivência do colonizador e a anulação do colonizado. Nesse esquema, o amor romântico assume a característica de transgressão. Do lado de Martim, transgressão dos valores europeizantes, porém intermediada pelo feitiço, pelo encantamento e que não compromete a dominação, antes a reforça. Do lado de Iracema, a transgressão é cultural, é o espaço tribal que é violado, seja no aspecto familiar, seja no aspecto do ritual sagrado. Dessa maneira, a identidade indígena está seriamente comprometida: é o seu extermínio e subjugação que garantem a manutenção do domínio português. Nesse ponto a amizade de Poti funciona com o mesmo objetivo: o da assimilação, da internalização do modelo estrangeiro.¹⁰

Portanto o processo de dominação que aflora de nossa leitura de *Iracema* capta a relação de poder do colonizador face ao colonizado, compreendendo a ótica do autor inserida no Romantismo. O modelo alencariano é o do índio incorporado à civilização num esforço de eliminar as antíteses. Assim, pensamos ter penetrado o texto de forma particular, dispostos a não permanecer no seu interior e sim abri-lo para os seus condicionantes históricos, sociais, econômicos e culturais. Nessa esfera a produção do dominante, muitas vezes, se revestiu do discurso do dominado e foi-nos preciso examinar o disfarce e a ocultação da "fala" do branco para compreender seu real posicionamento. De fato uma "fala" filtrada pelo autor, já que os diálogos ocupam pequena parte do romance. Personagens que não falam. Indício de duas civilizações que não se encontram: uma se submete à força da outra porém o espaço entre elas é difuso, é interpenetrável.

NOTAS

1. MARI et alii. 1983. p. 1.
2. SANTIAGO. 1975, p.20. Observa Santiago que Martim guarda todas as características do português, o que do ponto de vista textual significa o exílio em um lugar — a América — que não é o seu de origem em termos culturais.
3. MALARD. 1981, p.108. No trabalho "Relações entre o homem e a terra no romance de Alencar", analisa-se a proposta de Alencar para a colonização: "Alencar já apresenta uma fase da colonização em que as dificuldades se neutralizam pela aceitação, ao menos parcial, da raça estrangeira pela nativa".
4. SANTIAGO. 1975, p.24 também o notou, identificando o discurso de Martim com a "cordialidade do colonizador" e percebendo ao nível da enunciação uma desmistificação dessa mensagem, como no caso específico dos "dois batismos".
5. Concordamos com Santiago, 1975, p. 46, quando diz: "a cerimônia é puramente epidérmica e superficial, pois não há uma mudança básica seja nos gostos, seja nos costumes de Martim, seja ainda na sua maneira de pensar. Ganha o nome de Coatiabo, mas não o usa. Insere-se dentro do ritual indígena, mas não se deixa contaminar pela sua religiosidade. Deixa tudo de lado, logo depois que termina a cerimônia."
6. MALARD. 1981, p.101-102 chama a atenção para o mascaramento: "designar Iracema de lenda indianista (malgrado a classificação do próprio autor) é ler o texto numa ótica meramente sintagmática, que não revelará a complexidade entre o colonizador e o colonizado, quanto a suas relações, sua carga simbólica, as artimanhas daquele para exercer o Poder sobre este, na conquista e colonização do território a possado."
7. SODRÉ. 1976, p. 199-271.
8. SODRÉ. 1976, p. 199-254 trata especificamente do conceito de "transplantação". Ver sobretudo p. 207-210.

9. SODRÉ. 1976, p. 269.
10. SANTIAGO. 1975, p. 44 afirma que Alencar pretendeu colocar Iracema num lugar neutro — a pátria do coração. Aceitamos aqui apenas parcialmente a observação, uma vez que acreditamos não ser esse lugar neutro, mas sim fundamentalmente permeado pelas relações de dominação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MARI, Hugo et alii. *Sobre a produção do sentido* (apostila). Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1983.
2. ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo, Ática, 1984.
3. MALARD, Letícia. Relações entre o homem e a terra no romance de Alencar. In: — *Escritos de Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, Comunicação, 1981.
4. SODRÉ, Nelson Werneck. Bases do romantismo e As razões do indianismo. In: — *História da Literatura Brasileira - seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
5. SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: — *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
6. ———. *Iracema*. In: — *Romances para estudo*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
7. ROBIN, Régine. Prática discursiva e formação ideológica. In: — *História e Linguística*. São Paulo, Cultrix, 1977.
8. ———. A palavra como índice de comportamento político e como quantificação. In: — *História e Linguística*. São Paulo, Cultrix, 1977. p. 42-50.